

# O DISTRICTO DE AVEIRO



PUBLICA-SE A'S TERÇAS E SEXTAS FEIRAS.

Preços: (com estampilha)

Anno, 3,540 réis — Semestre, 1,770 réis — Trimestre, 935 réis.

Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração, rua Direita n.º 24. — Publicações de interesse particular, são pagas—Folha avulsa, 40 réis—Anuncios, 20 réis por linha—Correspondencia não franqueada, não sera' recebida — Artigos mandados a' redacção, sejam ou não publicados, não serão restituídos.

Preços: (sem estampilha)

Anno, 3,000 réis— Semestre, 1,500 réis — Trimestre, 800 réis.

NUMERO 104

TERÇA-FEIRA 1 DE JULHO DE 1862

SEGUNDO ANNO

## AVEIRO

Vai finalmente erguer-se um monumento ao cantor das glorias portuguezas. Era divida de grande brio nacional, para que ha muito devesse estar paga.

Se o maior poeta portuguez, malquisto com a fortuna, e desfavorecido dos homens, amargamente se queixa dos senhores valorosos,

Que assi sabem presar com taes favores  
A quem os faz, cantando, gloriosos.

Se a opulenta, e triumphante Lisboa se não corre de consentir que o pobre Jáó nas trevas esmore o pão mesquinho.

Que tem de apascentar no sol vindouro  
O escravo leal e o amo.

Se nem lhe foi paga no sepulcro sequer tardia homenagem. Se podemos interrogar, sem que nos respondam,

Onde jaz portuguezes o moimento,  
Que do immortal cantor as cinzas guarda?

Se emfim a nação portugueza se esqueceu do grande genio que a fez para sempre honrosamente lembrada na posteridade;—começa hoje ella, a mostrar ao mundo que não é até ao fim raça d'ingratos.

E' tarde;—mas não podemos responder pelo que não fizeram as gerações extinctas, nem encubrir que a geração actual pratica uma acção honrada, pagando a divida que ella herdou de seus maiores.

Luiz de Camões não havia mister as pedras que ali se vão levantar, para não esquecer á posteridade. Outro é o monumento com que a sua memoria ha de atravessar gloriosa as eras vindouras. Mas esse não o deve elle a ninguem, se não a Deus; que ofadou com a realza do genio.

A nação portugueza é que precisava atenuar o ultrage que fizera a Luiz de Camoens vivo, e a Luiz Camoens morto.

No monumento do principe dos poetas do seu tempo lança a primeira pedra o rei dos portuguezes.

Um rei mancebo não soube ou não pôde recompensar um dos maiores feitos nacionaes.

Era justo que por um rei tamhem moço a sua divida fosse começada a pagar, como ella hoje pôde ser paga.

A opposição não cessa de clamar que estamos atravessando uma crise medonha, porque o governo actual caminha acceleradamente para a ruina de nossas finanças; e que esta assersão é o ecco dos clamores que se ouvem em todo o paiz.

Lamentamos a exaltação partidaria que assim adultera os acontecimentos, e sobre tudo lamentamos a nos sacerdotes da imprensa, cuja missão não é outra senão expender ao publico a verdade dos factos, e das doutrinas, em toda a sua pureza.

Não se pôde occultar que é pessimo o estado das publicas finanças, mas é altamente calumnioso attribuir ao actual governo as causas desse pessimismo.

Ha muitos annos que se ouvem os brados unisonos do paiz contra a má administração, e o mau emprego da fazenda publica.

Ha muitos annos que o paiz tem a terrivel previsão de que elle correrá a precipitar-se no

abyssmo, se não houver uma vontade firme, com toda a energia d'acção, para fazel-o mudar a senda que até aqui tem seguido.

Mas se todos os gabinetes transactos tem sido réos do mesmo peccado; mas se continuaram sempre por tantos annos os capitaes defeitos que tem sido a verdadeira causa da nossa ruina; como pôde asseverar-se que o ministerio que ainda conta tão pouco tempo de existencia, e de quem se não pôde dizer que fizesse inováção ruinosa á causa publica; como pode dizer-se que esse ministerio nos collocou em crise temerosa; e mais ainda que elle é o alvo da animadversão do paiz?

Fallemos claro. O interesse das parcialidades politicas é debelarem-se mutuamente, porque cada uma aspira sempre a enthronisar-se sobre as ruinas da outra.

Mas os interesses publicos são muito diversos. Todos os melhoramentos possíveis, a economia mais severa, a reforma mais ponderada, e mais congruente com o seu fim, em todos os ramos da administração do estado, eis aqui as necessidades instantes que ha muito tempo reconhece o publico, e todos aquelles que não pospõem aos sentimentos da ambição, e do egoismo, o interesse nacional.

Não venham inculcar-se vestidos de armaduras que não possuem, providos de armas que não tem. O paiz não clama nem pode clamar senão contra o mau fado que tem perseguido á muitos annos esta boa terra portugueza.

O paiz não pode senão lastimar-se pelo infortunio de não haver tido á frente de suas administrações, intelligencias robustas, que comprehendessem os seus verdadeiros interesses, vontades energicas, e braços firmes, que quizessem alcançal-os.

Não tem havido ahi ministerio que não tenha sido apodado de esbanjador da fazenda publica, de péco, e acanhado em reformar, como convinha, a administração do estado. A esperança que morria n'um governo surgia na successão do outro, e para logo os acontecimentos vinham infelizmente demonstrar que só havia mais uma illusão perdida.

Interrogae o paiz inteiro, mas o verdadeiro paiz, que não vive de intrigas partidarias, que não tem ambições do poder, mas só tem o unico interesse da prosperidade comum, venha ella de quem vier, e o paiz não vos saberá dizer outra cousa senão que, com pequenas exceções, tão bons tem sido uns governos como os outros.

Não nos parece que os erros de que a opposição accoima a administração actual, tenham o vulto que ella apregoa. O tempo e os successos mostrarão, se ella sabe distinguir-se das transactas em utilidade ou ruina do paiz; mas é uma temeridade que mal sabem sopear os partidos, testemunho authentico de seu egoismo, o desabrimento da guerra que é feita com armas de má tempera por aquelles que tantas vezes tropeçaram em erros muito maiores.

Seria ainda desculpavel, á conta do amor da patria, a invectiva desse quilate nos caracteres virgens e ainda não experimentadas nas cousas publicas; mas quando ella vem d'aquelles que o paiz conhece de sobejo, quando ainda não estão esquecidos os desvios de todos, de alguns mesmo as administrações nefastas, a censura apaixonada é neste caso revoltante e incompavel.

A Consigne é o locutorio da quarentena.

Um pouco adiante, e defronte do forte de San Nicolau edificado por Luiz 14.º vê-se a torre de San João edificada por o rei Renato; — por a janella quadrada situada no segundo andar tentou fugir em 93 o pobre duque de Montpensier, que do seu captivo com o principe de Conti deixou tão lindas memorias.

E' notorio que fugindo por uma corda veio a descobrir já tarde que era mui curta, e o pobre prisioneiro quebrou uma coxa deixando-se cair ao acaso. Ao romper do dia alguns pescadores o acharam desfalecido, e o transportaram para casa d'um cabelleiro, onde conseguiu ficar até ao seu completo restabelecimento.

O cabelleiro tinha uma filha, e era ella uma d'essas engraçadas raparigas de Marselha de meias amarellas e pés andaluzes.

Bem que me custe, não serei eu mais indiscreto que o principe. E podia fazer-se uma historia tão linda a respeito d'esta donzella e do pobre ferido l...

Deixámos á esquerda o rochedo d'Esteou;

Corre como certo que foi assignado em Turin no dia 25 do corrente o contracto do casamento d'El-Rei de Portugal com a princeza da Sabaia, Maria Pia, filha de Victor Manuel, Rei de Italia.

Todos os jornaes que noticiam este acontecimento se congratulam com o paiz pela boa escolha da noiva, que ha de ser Rainha, e deve ser mãe de nossos futuros principes.

Ha ahi quem publicasse que sua Sanctidade se oppõe a este casamento. Não cremos que isto seja verdade.

Quando a curia romana deve reconhecer a necessidade de um comportamento de paz e de docura, despindo-se de todas as pretensões mundanas, que tantos damnos tem careado á sancta religião de Jesus Christo, que ella tem obrigação de manter em toda a sua pureza. Quando o mesmo chefe da Igreja declara publicamente que esta mãe commum dos fieis atravessa hoje uma vida cortada de muitos trabalhos; é absolutamente incrível que Pio IX se queira intrometer no enlace do Rei de Portugal com a filha do Rei de Italia.

A sancta sé reconheceu ha muitos os desvios, e as doutrinas que ella seguiu n'outras eras, oppostas á missão que o Redemptor do mundo confiou aos seus vigarios.

Se compulsarmos a historia das heresias que tem lacerado a sancta Igreja, talvez possamos demonstrar que se os papas tivessem seguido fielmente a vontade e a doutrina de Jesus Christo, teriam elles podido evitar á sua esposa queda muito grandes provações e calamidades.

Quando os papas expediam rescritos que declaravam os reis depostos dos thronos, e intimavam os subditos para lhes desobedecerem, e se revoltarem contra elles, que isto é o mesmo que desligal-os do juramento, e obrigação de obediencia para com os reis, nesses tempos omnicos não acabou a Igreja de Jesus Christo, apesar de todos os esforços que para isso fizeram os papas, porque não podia deixar de cumprir-se a divina promessa de que as portas do inferno jámais prevaleceriam contra a sancta Igreja.

Pio IX sabe pela historia da religião christã que nunca ella foi tão pura, e tão acrisolada, e por isso tão entranhavelmente amada pelos povos que tinham a ventura de ver brilhar a sua divina luz, como quando os pontifices e a curia romana despojados do orgulho e ambições terrenas, seguiram sem transvio os vestigios e a doutrina do martyr do Calvario.

E tentará hoje Pio IX, varão esclarecido, que reconhece estas verdades, e que tem sentido tão profundamente os tristes resultados de mal avisados passos da sancta sé; tentará hoje Pio IX pôr obstaculos ao enlace do Rei de Portugal, quando elle vae casar com uma princeza catholica?

Ninguem deve acreditarlo.

Está a concurso a cadeira de francez e inglez que foi creada na villa d'Ovar. Sabemos que concorreu a esta cadeira o sr. José Correia de Freitas Junior, que foi professor de igual cadeira no lyceu desta cidade, e que hoje é professor das mesmas linguas no lyceu de Castello Branco.

Offereceu para o seu concurso, como lhe é permitido, as provas oraes e documentaes que

iamos vogando exactamente por sobre a Marselha de Cesar, que foi cuberta pelo mar. Diz-se que em tempo sereno e mar chão ainda no fundo se descobrem as ruinas. Receio bem que a Marselha de Cesar esteja no caso da arribação das bombas.

Avistámos Méry ao pé d'um rochedo junto ao Chateau-Vert; de longe nos mostrou que tinha na mão lapis e papel. Principiei a acreditar que fizera bem em não vir conosco, porque tinhamos vento pela prôa; era um diabo d'um mistral (1) que não queria deixar-nos sair do porto, mas que promettia sacudir-nos bem quando nos apansasse lá fóra.

Defronte da saída do porto affigura-se-nos o horizonte fechado pelas ilhas de Ratonneau, e Pommegues. Estas duas ilhas ligadas por um molhe formam o porto de Frioul—fretum Julii—estrito de Julio Cesar. Perdão! não fui eu que dei a etymologia.—Este molhe é obra moderna; quan-

(1) Mistral, maestral, ou maestro: assim se chama na Provença ao vento forte que sopra do lado do mar. Trad.

adduziu quando concorreu á sua primeira cadeira. Não duvidamos de que o ministro fará a justiça de provel-o na cadeira d'Ovar que elle pretende, não só por que são excellentes aquellas provas, e pelo antigo exercicio que já tem do ensino das duas linguas, senão tambem pela inferior qualificação, e ordenado, da cadeira de Ovar com relação áquella cuja propriedade tem, e finalmente porque o ministro não pôde desconsiderar o sacrificio, que elle faz de seus interesses, á vantagem de mudar a sua residencia para as proximidades do Porte, d'onde é natural, e onde tem casa e parentes.

## POSTURAS MUNICIPAES

III

(Continuado n.º 103)

Pelo que o citado artigo 23 deve ser revogado; ou pelo menos deve distinguir (como a citada Ord.) a caça que se deve prohibir, e a que se deve permitir, para não acontecer, que os zeladores requeiram contra os que andarem a caçar ratos e outros animalejos, que tambem são caça. Não diremos outro tanto a respeito da pesca, que deve ser regulada em todo o concelho; tanto na ria como no Vouga e lagôas, por ser objecto de maximo interesse publico.

O citado artigo 25, que obriga os chefes de familia a levar á camara 12 cabeças de pardaes no mez de junho de cada anno, tambem deve ser revogado; porque obriga a um serviço pessoal estranho ás attribuições da camara; e quando assif se não considere, é certo que o beneficio, que porventura delle se possa tirar, comparado com os incommodos, não merece a pena.

E com effeito obriga os povos agricolas a perderem muitos dias nos seus serviços em tempo, que não podem perder nem uma hora; a maior parte compram as cabeças, o que é mais um tributo; muitos esquecem-se desta obrigação, são multados em dinheiro (e os pardaes a crescer), sendo frequente em muitos concelhos, que os empregados das camaras muito abusam, vendendo muitas vezes a mesma duzia de cabeças; e finalmente a camara ou pelo menos o seu escrivão precisa estar patente por espaço de trinta dias a receber as cabeças com grave prejuizo dos muitos afazeres que hoje tem. E não são os pardaes aves daminhas, ha outras muitas, que deviam admitir-se, quando a postura devesse vigorar.

O artigo 35 na 1.ª parte prohibe o depósito de mariscos e estrumes chamados *escassos*, em qualquer palheiro ou barco dentro da cidade e seu circuito; exceptuando os depositos na praia e palheiros de S. Jacintho; e na 2.ª parte prohibe o transito do mesmo estrume em carros pela cidade e barcos pelo rio!

Ora qual seria o intuito desta postura? Não podemos presumir se não que foi feita em favor da saude publica, que longe de favorecer, antes prejudica. Pois que quer dizer, permitir os depositos em S. Jacintho, e prohibir a sahida em barcos pelo rio, quando não pode ser conduzido de outra maneira para as povoações que o costumam consumir? E' o mesmo que dizer — podeis fazer depositos d'escasso em S. Jacintho; mas haveis de tê-lo ahi perpetuamente! Julgamos por isso que a postura precisa declarada de maneira, que permita os depositos nos palheiros de S. Jacintho, e nunca na praia expostos aos raios solares; mas permita tambem a sua sahida d'ali em barcos.

(Continuar-se-ha.)

to ao porto de Frioulé o porto do cholera, da peste, do typho, e da febre amarella; é a alfandega dos flagellos de Deus, é finalmente o lazareto.

Com effeito ha sempre no porto de Frioul um bom numero de navios com seus ares tão aborrecidos, que afflige vôlos.

Desgraçada, ou para melhor dizer, felizmente ainda Marselha não se esqueceu da famosa peste de 1720, com que a presenteou o capitão Chataud.

A terceira ilha das visinhanças de Marselha, e a mais celebre das trez é a ilha d'If. Ora a ilha d'If não é senão um penhasco, mas n'este penhasco ha uma fortaleza, e n'esta fortaleza está a masmorra de Mirabeau.

D'aqui resulta a usança d'ir á ilha d'If em peregrinação politica, do mesmo modo que a San-Baume se vai em peregrinação religiosa.

O castello d'If era a prisão onde n'outro tempo s'encarceravam os maus filhos-familias; era uma coisa ajustada hereditariamente; — até podia o filho pedir o quarto do pai.

Foi um pretexto similhante que mandou para lá Mirabeau.

(Continúa.)

## FOLHETIM

### IMPRESSÕES DE VIAGEM

#### UM ANNO EM FLORENÇA

POR

A. DUMAS

TRAD. POR B. X. DE M.

(Continuação do n.º 103)

### IMPROVISO.

O primeiro monumento que se avista ao sair do caes d'Orleans para o mar é a Consigne. A Consigne é um monumento d'apparencia fresca e moderna com janellas guarnecidas de triplice grade para o ancoradouro do porto.

Por baixo d'essas janellas vai muita gente praticar com os inquilinos da formosa casa.

Faz-nos lembrar de Madrid, e de bom grado os tomaríamos por amantes que se occultam d'um tutor.

Pois não é assim; são primos, irmãos, e irmans que tem medo da peste.

Com a devida venia copiamos do *Portuguez* de 26 do corrente, a primeira parte do seu folhetim.

*Cassange e Antonio Maria Cavalheiro Scolt. — Caldas da Rainha e o monte-pio.*

São dois os pontos importantes do que hoje vamos tratar.

O primeiro refere-se aos acontecimentos de Angola, de que os nossos leitores têm tido conhecimento. Não faremos por isso uma descrição de todas as peripecias do drama sanguinolento, que se tem representado nos diferentes pontos da provincia de Angola, e ultimamente em Cassange, mas limitar-nos-hemos a fallar acerca do corpo commercial, alli estabelecido. E' por este e por nenhum outro principio, que nós fracos observadores, erguemos a nossa debil voz.

Temos em Cassange quem nos informe de tudo que alli se passa, não só com escrupulosa exactidão, mas corroborando os seus escriptos, as suas narrações com documentos que existem em nosso poder e que não publicamos por serem vergonhosos para as auctoridades que nelles figuram. Um delles, com especialidade, sendo de uma auctoridade aliás de representação, envergou-naria o mais boçal juiz eleito, da mais insignificante aldeia.

Nas correrias do gentio ninguém tem soffrido, nem soffrerá mais do que os feirantes, como dizem em ultramar, ou os commerciantes como nós diremos; e este facto explica-se, porque o gentio promovendo a guerra só tem em vista o roubo.

Em Angola a agricultura está completamente despessada, e quem faz presentemente as nossas colonias terem algum desenvolvimento, é o commercio e nada mais. E' o commercio e só elle, desde que os governos deixaram de prestar attenção para a fertilidade do solo, e se convencerão de que era uma necessidade, entregar as nossas colonias a uma nação, que melhor saiba comprehender as vantagens que dellas podem resultar. Senão fóra o commercio, representado por bons capitalistas portuguezes, nem a Africa portugueza já seria de nós lembrada! Os sacrificios, as lagrimas, e os sustos que nossos irmãos soffreram na sua conquista, teriam sido bem recompensados com o esquecimento!

O corpo commercial de Cassange, um dos muito respeitáveis nas provincias de Angola, viveu por muito tempo exposto á ferocidade do gentio, completamente desamparado, até que foi roubado em somma muito consideravel de contos de réis.

Sobre o governo pesa a responsabilidade immediata desta calamidade. Ninguém pôde duvidar, que se as nossas colonias tivessem um governo forte e energico, que olhasse para ellas, como para um manancial, que pôde vir ainda levantar este pobre Portugal do abatimento em que se acha, ellas haviam de prosperar muito e realisar a esperança de todos. O mal vem pois do governo: não nos referimos ao actual ou ao passado; fallamos de todos, porque todos ha muitos annos, que vão folheando dia a dia mais uma pagina no livro da perdição das colonias, nesse livro terrivel e abominavel, mas muito seguido, que ha de acabar com a nossa independencia da mais poderosa das nações, e que já hoje é, pouco menos, a escoria dellas!

No nosso paiz tratam-se com denodo as questões de... palavras e de letras sem utilidade conhecida.

As camaras erguem-se corajosas; ostenta-se a reacção, e no debate d'esta interessante questão os homens de hoje não são os de hontem. Pedem-se *frades e freiras*. Pouco falta para lembrarem a inquisição! O governo braceja, luta, consome-se o tempo em discussões inuteis, e o que é de proveito despresa-se para auxiliar a ruina geral. E as provincias ultramarinas lá jazem á descripção do tempo!

Não somos retrogradados, e por isso não combateremos as ideias progressistas que se tem desenvolvido no nosso paiz. Lastimamos, isso sim, que se queira fazer Portugal rivalisar com outras nações mais independentes sem se procurarem primeiro os meios de o não fazer cahir, querendo engrandecer-lo.

Para que o luxo extemporaneo de caminhos de ferro, quando a patria dos Castros a Albuquerque se vê, como nunca, opprimida com dividas, quando se não cura de abrir a fonte da receita — o augmento das nossas colonias — para fazer face a esse luxo, a essas dividas?!

Que nos pôde trazer de proveitoso o caminho de ferro ao Porto, quando possuíamos uma boa estrada, que liga as tres mais importantes cidades portuguezas e que offerece os melhores meios de transporte?! Para que ficará servindo essa estrada, que tantos milhões custou á nação?! Não poderíamos nós, empregar essa immensa despeza, feita com uma das estradas, em cultura das colonias, em augmento da nossa marinha em... mil cousas de primeira e urgente necessidade, que nos asseguravam a prosperidade da nação! E depois, quando mais livres, mais desonerados, pelos proficuos resultados que devia dar o emprego desse capital, não teriamos ainda tempo de construir caminhos de ferro? Quaes foram mais felizes, os povos que vieram durante o reinado desses reis emprehededores, que levaram o respeito e a admiração do nome portuguez até aos confins do mundo — ou nós, que apesar de bem ataviados e formosos... na apparencia, somos por aquelles mesmos que já nos temeram, escarnecidos e ludibriados, já porque somos pobres e não sabemos colher o pão que a natureza nos offerece e que nossos antepassados grangearam, já porque somos prodigos e queremos rivalisar com os nossos economicos, poderosos e independentes!

Somos de opinião que a despeza, que nos ha de aggravar a situação, feita com os caminhos de ferro, era mais bem applicada, parte em vasos de guerra que levassem o terror, o espanto, a admiração e o respeito a esses povos de instincto barbaro, que não duvidam insultar a nossa bandeira e escarnecer as nossas armas; parte, em crear um exercito de portuezes nas possessões ultramarinas, cujo soldo e vantagens lhes movesse o desejo de punir severamente a audacia dos indigenas; parte em promover a agricultura nessas terras abençoadas.

A nossa marinha ainda ha pouco mais de um anno era representada pela velha *Vasco da Gama* que tão bellas tradições nos aponta, mas que só servem para fazer verter lagrimas de saudade.

O exercito era então e é ainda hoje um escarneo. Um escarneo na força militar, um escarneo na maneira de augmentar! Fallamos das remissões dos recrutados: fallamos do meio que se emprega de haver dinheiro, homens não! E' preciso tambem acabar de uma vez com este maneio ridiculo de enganar a nação, que não tem exercito para a sua segurança, nem dinheiro, porque o producto das remissões tem applicações diversas e muitas vezes sabe Deus com que proveito.

Mas estes males não partem só do governo. Não façamos politica do que o não é. Digamos com franqueza: do governo vem o mal, mas os representantes da nação têm tanta culpa como elle mesmo. O paiz escolhe homens para promoverem o seu bem estar, e esses homens, tendo restricta obrigação de aconselhar o governo, e de empregar os meios para que elle adopte boas medidas, só tratam de os pôr em pratica em seu proveito proprio.

Um dos mais solidos esteios de uma nação é o commercio; para o augmento deste, para o seu desenvolvimento, é de absoluta necessidade a protecção dos homens a quem se confiam os destinos da nação. Sem essa protecção, sem a vida commercial, a nação deixará de ser.

Quando o gentio assaltou a feira de Cassange, e deixou tantos commerciantes reduzidos á miseria, para que veio uma pequena força bater os indigenas menos culpados? Para vingar n'uns a offensa feita pelos outros? Talvez; mas isto não era o bastante. Com esta vingança só se tirava o triste resultado de excitar povos socegados, que depois seriam, como foram, perigosos. Tratasse a força de perseguir os criminosos, punindo-os no primeiro encontro, de lhes tirar os roubos e entregar os a seus donos, que de mais se não carecia.

Mas, dir-nos-ha alguém: e proventura não se apanharam muitos objectos roubados? Mas o que lhes fez os homens a quem a nação paga e manda para segurar a vida e a propriedade dos nossos irmãos de além-mar?

Tomaram conta de roubos de muito valor, e venderam os a quem quizeram, arrecadando o seu producto nas suas algibeiras, ainda mesmo conhecendo-se pela marca que pertenciam a certos e conhecidos commerciantes, que os reclamaram, mas a quem não foram dados!

Antonio Maria Cavalheiro Scoltz, natural desta villa, residente em Cassange, depois de 12 annos de improbo trabalho, com uma fortuna superior a 30 contos de réis, foi dos que mais soffreu com o assalto á feira de Cassange.

Roubando-lhe todas as fazendas, deixando-o só com o futo que vestia, matando-lhe o seu caixeiro, restava-lhe apenas o paiol da polvora, onde tinha 4.000 arrobas, do qual o gentio se quiz apossar, obrigando Cavalheiro a praticar a temeridade de lhe deitar fogo, temeridade que lhe trouxe mil cuidados e mil sustos, pelo rancor do gentio que queria vingar nelle a morte de cincuenta e tantos pretos que pereceram na occasião da explosão! Foi uma acção de valor e coragem que Sua Magestade o senhor D. Luiz acaba de premiar nomeando-o cavalleiro da ordem da torre espada.

Como parente agradecemos a mercê de Sua Magestade, mas queríamos antes que as fazendas que foram roubadas ao agraciado e que depois foram apanhadas pelas nossas forças, marcadas com a firma C. S. e reconhecidas por todos como delle, se não vendessem como preza de guerra, negando-se a um dono o seu direito, e deixando-o reduzido á miseria! E' um facto escandaloso e repugnante! Como ha de Cavalheiro fazer uso da mercê de Sua Magestade, para o que tem de dispendir dinheiro, se elle perdeu toda a sua fortuna; e o que era seu, apesar de lhe apparecer, foi-lhe... roubado segunda vez, digamos assim?!

E' esta a maneira de administrar justiça no ultramar. O governo não pune estes escandalosos procedimentos? Quer provas, precisa de documentos, tem-os nós. Não vimos á imprensa censurar, sem ter em que nos firmemos.

E diga-nos o governos que consequencia quer que tiremos d'aqui? Que as nossas forças foram para perseguir os revoltosos, não pelo amor de vingar seus irmãos, mas para enriquecer á custa d'elles. E que se espera se se não remediarem estas calamidades? Que o commercio fique abandonado em Angola, até que essas ricas provincias, sejam do dominio de uma nação mais zelosa, mais conscia das suas obrigações, que saiba castigar o gentio e proteger alli aquelles, que a sua patria esquece e permite que sejam roubados pelos seus irmãos, que se diz — vão em seu auxilio.

Alto governado presidido pelo nobre marquez de Loulé pedimos a sua attenção, no que diz respeito ao estado de abandono do commercio de

Cassange; e confiando em s. ex.<sup>a</sup>, não esperamos menos do desejo que o sr. Mendes Leal tem de deixar um bom nome na sua administração.

A. C. Pina.

Encontramos nos jornaes hespanhoes uma immensidade de correspondencias, occupando-se todas ellas do revez que os francezes soffreram ultimamente no Mexico; contudo é de crer que haja muita exaggeração; visto que os hespanhoes não gostam que os francezes ganhem victorias naquelle territorio.

Um diario de Madrid fallando da batalha vencida pelos mexicanos expressa-se nos seguintes termos:

«D'uma carta escripta de Veracruz a 23 de Maio, por pessoa mui authorizada, extractamos as seguintes noticias:

«No dia 5 o exercito mexicano soffreu o ataque de 4 columnas francezas, cada uma das queas tinha mais de 1.000 homens, nas collinas de Puebla, tomando a primeira a esquerda dos mexicanos, em direcção ao cerro de Guadalupe, defendido por 1.500 homens: a artilheria mexicana ao emprehenderem os francezes o ataque a bayoneta, jogou d'um modo certo, não obstante não lhes impedir que collocassem a sua artilheria rayada de campanha, rompendo um fogo vivissimo sobre o cerro para proteger o ataque dos valentes zuavos que trepavam pelas collinas até chegarem á bocca dos canhões.

«Outra columna marchando para ao pé do cerro tratou de dar o assalto pela direita, porém observado este movimento pelo general mexicano, destacou uma columna formada do corpo de sapadores, sob o commando do general Lamadrid, a qual chegando opportunamente a uma casa situada áquem do cerro, disputou a tomada della aos francezes, ficando ella por fim em poder dos sapadores, tendo-se derramando bastante sangue d'uma e outra parte n'este combate sustentando a bayoneta.

«Durante esta luta a columna franceza da ala direita empreheendeu o seu segundo ataque crendo-se protegida pela que havendo tomado a esquerda se encontrou com o citado batalhão de sapadores. Esta foi mais infeliz no segundo ataque, pois viu-se flanqueada pela columna mexicana que occupava o centro das suas posições desde o principio da batalha, e que dirigida pegenral Berriozabal se havia mudado opportunamente para o cerro.

«A columna do centro reforçada com os restos da que acabava de ser vencida pelo general Lamadrid, empreheendeu o ataque pela frente e tambem foi repellido.

«Durante a encarnizada luta do forte trataram os francezes de chamar attenção pelo centro com outra columna de 1.000 homens, sobre a qual caiu o batalhão mexicano de *Rifflero*, fazendo-a retroceder até a *Garita velha*, e retirando-se logo a dar fogo.

«Os francezes tornaram a avançar em atiradores para se livrarem dos fogos da artilheria que estava collocada no centro do caminho; porém carregando sobre elles a cavallaria, obrigou-os a formar quadrado, que a final foi desfeito pela artilheria mexicana, retirando-se os francezes sem obstaculo para uma pequena altura, que tambem tiveram de abandonar ao serem atacados pelo batalhão de *Rifflero* e tropas de Oaxaca.

«Batidas todas as columnas francezas, pronunciaram-se em retirada pondo-se fóra do alcance do canhão. O fogo cessou ás 6 da tarde em todo o campo de batalha.

«Este lamentavel acontecimento custou muitas vidas, e cria-se geralmente que o general Lorencez havia sido enganado.

«Em 9 de Maio, quatro dias depois da acção de Puebla, a divisão franceza estava intrincheirada em Amosor, hostilizada pela cavallaria do general Carbajal e guerrilhas que a cercavam.

«O governo de Juarez havia dado ordem para que se entregassem a todos os feridos e prisioneiros as medalhas que com tanto valor haviam ganho na Europa.

«Em 15 havia chegado a Vera-Cruz o general Donay, e em 16 desembarcou com o seu estado maior e uns 200 homens, reunindo depois cerca de 1.000 homens, mas parece que não considerava sufficiente esta força para poder ir unir-se ao general Lorencez.

«No interior do paiz, depois da derrota de Cobos, dava-se como certo que tanto este como Marquez haviam tomado o partido de governo de Juarez.

«Nos famosos cumes de Acubzingo, estava o general Zaragoza com 8.000 homens.

«Em Orizaba estava a divisão franceza com o seu general em chefe, ministro Saligny, Almonte etc.; e em Chiquihuite o general mexicano Llana com 3.000 homens.

«As communicações estavam cortadas.

«O vapor mercante «Constituição» havia sido embargado pelas autoridades de Almonte, embarcando-se nelle 2 canhões e 30 homens da divisão franco-mexicana, destinados a apoderar-se de Tacotalpan, povoação d'alguma importancia, que havia passado sempre por ser reaccionaria, porém foram recebidos com tiros, deixando na praia 4 mortos e retirando-se com alguns feridos.»

## TRIBUNAES

**Relação do Porto.**

Sessão de 25 de junho.

DISTRIBUIÇÃO DE CAUSAS

Appellações civeis

Feira. — Caetano Augusto da Cunha Sam-

paio Maria e mulher — Contra Antonio Joaquim Gomes Leite Ribeiro — Juiz Sarmento, escrivão Guimaraes.

Celorio da Beira. — Catharina Maria — Contra D. Catharina do Amaral Cabral Saraiva — Juiz Cerqueira, escrivão Silva Pereira.

Aggravo

Povoa de Varzim. — Francisco Fernandes Paradella e mulher — Contra D. Maria Pignemina de Menezes Carvalho e Barro e marido — Juiz Seabra, escrivão Silva Pereira.

JULGAMENTO DE CAUSAS ASSIGNADO

PABA O DIA 2 DE JULHO.

Appellação crime.

Barcellos. — O M. P. — Contra Bernardo José Jacques.

## PARTE OFFICIAL

**Ministerio dos negocios da fazenda**

Thesouro publico.

Directção geral dos proprios nacionaes

2.<sup>a</sup> repartição

Desamortisação dos bens comprehendidos nas disposições da lei de 4 de abril do anno passado, publicada no «Diario de Lisboa» de 2 de julho.

Em cumprimento da citada lei, e na conformidade das instrucções de 9 de julho do mesmo anno, publicadas no dito *Diario* de 11 do mesmo mez, e das de 31 de março de 1862, publicadas no *Diario de Lisboa* de 1 de abril do corrente anno, se annuncia que hão de ser arrematadas no dia abaixo declarado as seguintes propriedades, pelo maior lance que se offerecer. O prego da arrematação deve ser pago no prazo de quinze dias, em titulos de divido fundada, computados pelo valor do mercado.

**Lista 88**

Arrematação perante o governador civil do districto abaixo declarado

**No dia 4 de agosto de 1862**

Districto de Aveiro

Concelho de Vagos.

*Bens pertencentes ao convento das religiosas de Jesus, em Aveiro*

889 Uma vinha chamada a Feira: parte do norte com a Costa do Pereiro, sul com João Manuel, nascente com caminho das Barreiras, e poente com José Francisco Bico — 30,000.

890 Uma terra lavradia chamada a Manga: parte do norte com a viuva de João de Almeida Novo, sul com a estrada da Cavada Velha, e poente com Manuel da Lourença — 10,000.

891 Uma terra lavradia chamada a Chouza da Raba: parte do norte com Manuel Cypriano, sui com Manuel Ferreira nascente com caminho dos Pereiros, e poente com caminho do Baco — 50,000.

892 Uma terra lavradia na quinta da Ponte: parte do norte com Antonio da Silva Rocha, sul com Manoel Certo-é, nascente com vallados do Valle de Moinhos, e poente com Manoel José Alfaiate — 3,500.

893 Uma terra lavradia no sitio do Palheiro do Sal: parte do norte com Casimiro de Almeida, sul e nascente com José de Almeida Barreto, e poente com a viuva de João de Almeida — 5,000.

894 Uma vinha no sitio da Pedreira: parte do norte com José Nunes da Silva, sul com a viuva de Manuel da Rocha, nascente com a estrada do Taborço, e poente com serventia da Pedreira — 8,000.

895 Uma terra no Ilhote, limite de S. Romão, sul com Manoel Patrio, nascente com praças do ribeiro, e poente com o pinhal do Morgado — 50,000.

896 Uma terra lavradia, sita na Cavada: parte do norte com a viuva de João Alves, sul com Manoel Nunes Sabreiro, nascente com José Simões, e poente com Manoel Antonio — 14,000.

897 Uma terra lavradia, sita na Chouza: parte do norte com Manoel de Oliveira Sergio, sul com Manoel de Almeida Novo, nascente com Antonio Nunes Tareco, e poente com Sebastião Ferreira da Silva — 40,000.

Concelho de Albergaria

898 Uma casa que serve de celeiro: parte do nascente com Francisco Xavier de Macedo e outros, poente com a praça da extincta villa de Angeja, norte e sul com a rua do Covaal — 100,000.

899 Casa chamada da Barca, sita em S. João de Loure: parte do nascente com a rua publica, norte e poente com o passal, sul com o caminho publico — 40,000.

900 Uma casa em ruínas proximo á residencia do reitor de S. João: parte do norte com Manoel Antonio da Silva, sul e nascente com a residencia, e poente com o adro — 50,000.

Declara-se que os arrematantes não ficam sujeitos ao pagamento do imposto de 1 por cento (artigo 15.<sup>o</sup> das instrucções de 9 de julho ultimo), nem ao imposto do registro (n.<sup>o</sup> 3.<sup>o</sup> do artigo 3.<sup>o</sup> da carta de lei de 30 de junho antecedente).

Segunda repartição da direcção geral dos proprios nacionaes, 25 de junho de 1862. — Joaquim Pinheiro Silva.

## EXTERIOR

Dos jornaes do correio de hontem copiamos os seguintes telegrammas:

— Da «Correspondencia»: Pariz 20, (á tarde) — Diz a «Patrie» desta tarde o seguinte: «Assigna-se que o general de divisão Forey, senador, está destinado ao commando do corpo expedicionario francez do Mexico. O coronel Dauvourgne está nomea-

do, segundo parece, chefe de estado maior deste general.

O mesmo periodico diz n'outro lugar: «A opinião publica em Hespanha commoveu-se igualmente com as exaggeradas noticias que circularam um momento acerca dos acontecimentos de 5 de maio em Guadalupe. Pensando-se que um contratempo tinha detido a marcha do nosso exercito (francez) sobre o Mexico, manifestaram-se nobres sentimentos com respeito á França por parte de diferentes periodicos de Madrid.

A «Epoca» lamentou que as tropas hespanholas não se tivessem visto ao lado dos soldados francezes para serem communs os perigos. O «Reino» e a «Esperanza» pediram ao governo da rainha que offereça immediatamente á França o auxilio das tropas que estão hoje acantonadas na Havana.

«Com viva satisfação, continua dizendo o periodico francez, fazemos constar este movimento da opinião publica. A oferta de que se trata não seria aceita. Escusamos dizer que nem o estado das nossas forças militares, nem as circumstancias exigem semelhante auxilio, e que para nós nos basta que com esta ideia se tenham apresentado os periodicos de Madrid.

Turin 19. — Na camara dos deputados fez-se leitura da mensagem ao rei, concebida nos seguintes termos:

«Reuniram-se em Roma varios bispos, quasi todos estrangeiros, para uma solemnidade religiosa, e por essa occasião proferiram graves injurias contra a nossa patria, desconhecendo o direito da nação e invocando a violencia estranha. A doutrina, com que affirmam que Roma pertence ao mundo catholico, respondemos nós, grupando nos em torno de vossa magestade, proclamando novamente a nossa resolução de manter intacto o direito da nação sobre a sua capital violentamente oppressa por uma dominação que ella repelle. Temos a esperanza de que não vem longe o dia em que vejamos cumpridos os nossos desejos. Resoaram vozes no Vaticano declarando impossivel qualquer transacção. Similhante linguagem deve pôr termo ás vacillações que teem experimentado por tão longo tempo a prudencia do povo italiano. Quando os prelados, esquecendo os deveres do seu ministerio, fazem votos por uma reacção politica; quando do territorio pontificio saem malvados para levarem a guerra e a desolação ás provincias meridionaes da Europa, deve ter-se a convicção de que só a autoridade de el-rei e do povo italiano pode resolver os assumptos de Roma, libertando a Italia e a Europa de uma confusão de poder que perturba as consciencias e compromette a paz do mundo.»

Depois de curta discussão foi a mensagem votada quasi unanimemente.

Trata-se de determinar dia para as interpellações relativas á questão romana.

O general Sertori apoia a proposta, dizendo que é preciso sair, por uma vez, de situação tão incerta; ataca o ministerio e accusa-o de estar dominado por uma potencia estrangeira. O sr. Ratazzi repelle similhante accusação, e qualifica-a de calumnia. Su-tentamos altamente, diz Ratazzi, os nossos direitos, mas não se podem apresentar á luz do dia as diferentes phases diplomaticas porque passam as questões internacionaes.

Paris 19. — Diz-se hoje que os reforços que vão para o Mexico sobem a 12000 homens, e circulam os nomes dos tres generaes, Forey, Trodnr e Montauban, como candidatos ao commando destas forças.

Os legitimistas francezes projectam reunir uma especie de congresso para o proximo mez, em Lucerna.

Escrevem de S. Petersburgo que nas provincias se proclamou a lei marcial contra os incendiarios.

Londres 20. — As explicações dadas na camara dos lords por lord Russell, dizem assim:

«Accusa-se o governo inglez de ter abandonado a França, quando foi necessario executar o convenio do Mexico. Dizem que as tropas inglezas se retiraram assim como as hespanholas, e que deixaram aos francezes só as difficuldades da empresa. Ha nisto má intelligencia. A França resolveu enviar reforços; mas esta resolução não se funda de modo algum no procedimento adoptado pela Inglaterra. Os compromissos relativos ás forças que deviam enviar os alliados, eram as seguintes: os hespanhoes, 3000 homens; os francezes, 2500; os inglezes deviam contribuir sómente com as forças maritimas. Além destas, a Inglaterra mandou 700 marinhoeiros, que se retiraram depois porque não havia perigo immediato de conflicto com os mexicanos. Nunca tivemos intenção de mandar tropas de terra, e por essa razão não faltamos aos nossos compromissos.»

«Lord Malmesbury deu-se por satisfeito com estas explicações, que julgou indispensaveis, por que este assumpto causa ansiedade no paiz e produz na França impressão desfavoravel da Inglaterra.

Lord Russell manifestou que sir Wyke, plenipotenciario inglez no Mexico, não foi a Nova-York, e que não tomou partido contra os francezes em favor dos mexicanos. Acrescenta que o dito diplomatico e o almirante Dunlop tinham assignado um convenio com o governo mexicano, pelo que este ultimo dá satisfação completa a todas as reclamações inglezas. O dito convenio chegou a Londres, mas o gabinete inglez não o ratificou porque se refere a outro convenio feito entre os Estados Unidos e o Mexico, em virtude do qual o Mexico dá territorios em garantia de um emprestimo anglo-americano, o que poderia suscitar difficuldades.»

Bucharest, 20. — Foi assassinado o presidente do conselho.

«Belgrado, 20. — Foi assassinado um cor-reio austriaco, acompanhado por dois tartaros. O povo campesino roubou-os em seguida.»

«Londres, 21. — Ha noticias de Nova-York de 12.

Em Memphis foram destruidas grandes quantidades de algodão.

Foi apresentado ao congresso de Washington um projecto para a emissão de 150 milhões de bilhetes.

Na cidade de Dinamarca propoz-se transportar gratis os negros para Santa Cruz. Seward communicará esta proposta ao congresso. Mac-Cleilan recebeu reforços.»

Paris, 21 — A «Patrie» desta tarde, em uma carta datada de Vera-cruz a 20 de maio, diz que o general Donay conseguira reunir-se com as tropas de Lorencez.»

«Paris, 22 — O «Moniteur» de hoje publicou o convenio celebrado com a Hespanha para o arranjo da divida de 1823.

A participação circunstanciada do general Lorencez não chegará até o fim ds corrente.

Assim que se conheceram em Constantinopla os lamentaveis successos de Belgrado, communicaram-se ordens para que cessasse o fogo. Procedeu-se a um inquerito sobre o occorrido. O governador foi substituido.»

«Turin, 21. — Diz-se que Garibaldi volta á ilha de Caprera.»

«S. Petersburgo, 21. — Tomaram-se novas e rigorosas providencias para manter a ordem.»

Um jornal de Havana, «El Porvenir», contém á ultima hora as seguintes noticias do Mexico, cuja responsabilidade lhe deixamos:

«Ao anoitecer (de 21 de maio ultimo) entrou o vapor «Luisienne» procedente de Vera-cruz. Não recebemos cartas, nem jornaes.

«Um passageiro, porém, nos contou que os francezes foram repellidos em Puebla em trez ataques successivos.

«Duzentos zuavos prisioneiros. A divisão cortada por forças mexicanas entre Orizava e Puebla.

«O general Prim e os hespanhoes estimados em elevado grau. A sua lembrança é grata ao paiz que occuparam.»

## VARIÉDADES

**Viajantes alados.** — Sabe-se que ha certas épocas do anno em que a passagem dos pombos em alguns estados da America do Norte é tão consideravel que teem chegado muitas vezes a fazer escurecer o sol durante algumas horas. Se n'um dos primeiros dias d'este mez se houvessem espantado todos os pombos que passaram sobre os wagons do caminho de ferro do norte, em Paris, em Munberge e Saint Quintin, ter-se-hia dado o mesmo phenomeno; porque passaram de viagem sobre vinte carruagens mais de sessenta mil pombos, que não iam munidos de bilhetes!

**O leque.** — O leque nas mãos de uma dama é o mesmo que os fios electricos nas do telegrafista. Este por meio do telegrapho entende-se com a gente sem empregar os labios; aquellas, por meio do leque, fallam com os homens sem pronunciarem uma palavra. Em que consiste pois a linguagem do leque? Oíçam:

A mulher que abre e fecha o seu leque muitas vezes e em curto espaço de tempo, ou tem ciúmes, ou se sente dominada pela colera.

A que, pelo contrario, o abre e fecha com muita pausa, é porque observa com indifferença aos que a olham.

A que o fecha de um golpe, indica desdem. A que se occupa a brincar com as varinhas do leque ama o homem que a está contemplando.

A que estando a abanar-se fixa de repente os seus olhos em qualquer ponto do paiz, intima o seu amante por meio deste signal: contando depois as varinhas indica a hora.

A que o conserva fechado durante alguns instantes, e depois se abana mui tranquilla, quer fazer comprehender que o seu coração já está dado.

A que depois de olhar um homem se abana muito depressa, indica que o ama.

A que o leva fechado e em vez de o segurar pelo cabo pega nelle pelo lado opposto, dá a entender aos que a observam que não tem amante.

O homem declara o seu amor a uma mulher entregando-lhe o leque entreaberto se ella o abre de todo indica que corresponde ao seu affecto; mas se o fecha manifesta claramente que o não ama.

Quando o leque se dá pelas varinhas significa amizade, pelo lado opposto odio.

Todos estes particulares nos foram communicados em segredo, por uma forinosa dama, e nós referimos-os tambem aqui em segredo aos nossos leitores.

## NOTICIARIO

**A' contradicta** — Insistis, mas não pro-vais, que nas palavras citadas do discurso do sr. José Estevão se dissesse que o pulpito era uma fogueira e o templo um mercado. Nós estamos, porém, satisfeitos. Transcrevesteis essas palavras, e é quanto basta para nos darem razão. Quem tiver olhos, pode lê-las, e não é preciso grande intelligencia para entendel-as. Não importa que lhes ponhaes ao pé todos os vossos sofismas miseraveis. Felizmente ellas são bem claras.

Pela nossa parte transcrevemos tambem o vosso *disparate*, mas reparaes que não precisa-

mos fazer-lhe commentos, nem adduzir-lhe reflexões para que se conheça que elle contém um *conceito heretico*. El-o:

«Não attenta o sr. José Estevão em que a divergencia entre as diferentes religiões está no culto externo, porque todos os povos adoram a Deus, seja qual for o simbolo a que dirijam as suas preces.»

E insistimos em que para ser heresia era necessario que soubesseis o que tinheis dito, porque só existe heresia (é pelo menos opinião geralmen-te seguida) quando existe intenção. Da vossa parte houve ignorancia.

Quanto ao mais, podeis esbravejar a vossa vontade. Já sabeis que nos não encomodais, e já deveis saber que todas as vossas diatribes não nos fazem arredar um passo do nosso caminho. Mas sempre vos prevenimos que não passeis de generalidades... porque só nesse campo tendes liberdade de poeta.

**Casamento d'El-Rei** — Diz o *Commercio do Porto*, que na quinta-feira de tarde (26) do mez findo, recebeu um jornal d'aquella cidade a noticia telegraphica de que no dia 25 ás 4 horas da tarde tinha sido assignado em Turin o contracto esponsalicio de S. M. o Senhor D. Luiz com a princeza Maria Pia, filha de Victor Manoel.

**Caridade publica.** — A subscrição na capital para socorrer os asylos que recolheram as creanças despedidas dos asylos que ultimamente se fecharam; segundo as notas publicadas nos diversos jornaes, monta effectivamente até hoje ao seguinte:

Subscrições entregues no ministério do reino: (metal) . . . . .	500\$000
(inscripções) . . . . .	14:700\$000
No governo civil: (metal) . . . . .	738\$355
(inscripções) . . . . .	200\$000
Subscrição do «Jornal do Commercio»: (metal) . . . . .	2:795\$905
(titulos de divida) . . . . .	189\$900
(inscripções) . . . . .	1:800\$000
Subscrição do «Portuguez» (metal)	110\$000
Lista da grande commissão de que é secretario o sr. José Ribeiro da Cunha: (metal) . . . . .	1:000\$600
(inscripções) . . . . .	29:350\$000
Réis . . . . .	51:384\$760

### Resumo

Inscripções . . . . .	46:050\$000
Titulos de divida . . . . .	189\$900
Metal . . . . .	5:144\$860

Réis . . . . . 51:384\$760

O «Jornal do Commercio» possui mais dez accções da companhia de pescarias a que por ora não deu valor.

Na quantia inscripta na subscrição feita pelo «Jornal do Commercio», incluem-se a de 6\$940 rs. dos officiaes do batalhão de caçadores n.º 2, a de 980 rs. das praças do destacamento do corpo de engenheiros em Peniche; a de 16\$120 rs. promovida em Algés pelo sr. Francisco Duarte Pedroso; a de 9\$080 rs. de varios officiaes inferiores de caçadores n.º 5; a de 19\$480 rs. promovida na praça de S. Julião da Barra; a de 2:500\$000 em inscripções da lista da grande commissão de bué é secretario o sr. José Ribeiro da Cunha.

**Monumento de D. Pedro IV.** — Os riscos do monumento são: um do sr. Costa Lima, um do sr. Manoel José Carneiro, e outro do do sr. José Luiz Nogueira.

O «Nacional» dá a seguinte descripção deste ultimo, que tem merecido muitos elogios:

E' delineado o soco sob-solo em uma fortaleza com quatro baluartes, figurando as inexpugnaveis linhas de defeza desta cidade durante o memoravel cerco de 1832 e 1833: pode dizer-se que representa o Porto.

As corças de carvalho, que circumdam o parapeito desta mesma fortaleza, recordam aquellas victorias que o valoroso exercito do commando em chefe daquello principe ganhou nas batalhas e accções militares dadas naquelle glorioso tempo.

Eleva-se do centro da fortaleza um corpo polygono oitavado com quatro pedestaes ou stilobatos salientes, para servirem de base ás estatuas, que adornam este monumento no qual é gravado o nome do protagonista na parte principal.

Quatro estatuas allegoricas devem occupar esses pedestaes: a lei, a sciencia e guerra, o valor, e finalmente a historia; a historia que deve transmitir aos vindouros os feitos do heroe, que destruiu o despotismo e deu aos portuguezes na guerra lições de valor, e depois della a mais sábia legislação.

Ergue-se entre estas estatuas um elegante stilobato, igualmente polygono, em que está gravado o sempre lembrado dia 9 de julho de 1832, em que sua magestade imperial e real entrou no Porto para quebrar as algemas da tyrannia.

A face posterior recorda o dia 26 de julho de 1833, em que D. Pedro deixou esta cidade embarcando para a capital. Sobre este stilobato assenta a magestosa estatua pedestre do magnanimo monarca, que se despoja de duas corças e de dois sceptros, para dar aos portuguezes a carta constitucional.

Com a mão direita offerece D. Pedro a carta, sustentando na esquerda a espada, com que a defezendo; a farda deste soberano é de galla, porque alegre e festivo foi para os portuguezes a entrada do exercito libertador nos muros do Porto.

A peça de artilheria sobre que pousa o pedestal e as ballas que estão proximas, são indicativo do animo bellicoso que manifestou durante a guerra.

Os materiaes que devem ser empregados na construcção, são o granito para a fortaleza, e o marmore branco para o restante. As estatuas, corças, e legandas devem ser de bronze.

O pensamento dos outros dois riscos é o seguinte.

Um representa o heroe do cerco do Porto a cavallo, tendo aos quatro cantos do pedestal as figuras da Honra, do Valor, da Lealdade e do Merito, nas quatro almofadas do pedestal tem na frente o libertador entregando a bandeira a D. Thomaz de Mello Brayner nas praias do Mindello—na da direita um episodio do ataque e defeza no dia 29 de setembro de 1832, e na da esquerda outro do ataque e defeza do dia 25 de julho de 1833.

O segundo, que tem a estatua pedestre, apresenta a mesma estatua e os mesmos baixos relevos e o pedestal representa uma torre com ameias alludindo ao cerco do Porto.

O terceiro para o caso de se querer obra mais barata, consta da estatua pedestre, de medallhões com relevos allegoricos ás principaes campanhas, acompanhando este grupo os tropheus da guerra, civilisação e politica.

Na reunião de segunda-feira foi tambem apresentada, pelo sr. João Luiz de Mello, uma lista de senhoras portuguezes, para se formar uma commissão auxiliadora do monumento. E' um bello pensamento.

O sr. Joaquim Nogueira Gandra, lembrou a idéa de que a pedra fundamental fosse batida por um soldado raso, dos 7,500 que desembarcaram no Mindello.

Alguem nos suggere uma lembrança que é muito para aproveitar.

No Mindello desembarcou um batalhão de officiaes, com a denominação do batalhão sagrado, e com uniformes e armamento de soldados. Os que restam desse batalhão, são hoje generaes, — porém entraram no Porto em 9 de julho de 1832 como officiaes soldados.

Seria bastante significativo que a pedra fundamental do monumento fosse collocada por um dos individuos do batalhão sagrado do Mindello, mesmo porque é possível que ainda alguem conserve, como reliquia historica, a grossa farda vermelha de 30 annos.

**Noticias agricolas.** — (Do *Conimbricense*.) No districto de Coimbra ha uma grande amostra de azeite. Se não houver algum contra-tempo teremos no corrente anno uma colheita tão abundante como a de 1855.

A molestia das vinhas tambem ainda não está muito desenvolvida.

Os milhos do monte é que difficilmente poderão resistir, se continuar o grande calor que ultimamente tem havido.

Do concelho de Barcellos dá tambem o *Barcelloense* as seguintes noticias agricolas:

«A colheita do centeio é uma das melhores que temos tido; o milho está com as melhores esperanças; do vinho tambem as ha, porque a estação e o vento soão tem lhe sido muito favoravel: talvez tenhamos uma colheita igual á de 58; são esperanças, no entretanto boas probabilidades ha de se realizarem.»

**Cetaceo.** — Acaba de aboradar á praia de Setubal, segundo nos informam, uma baleia que tem de comprimento 24 metros proximoamente. Este monstro marinho foi ali arrojado pelo mar, ainda com signaes de vida. Affluit logo muito povo para a vêr, e exercer sobre elle a sua industria, mas foi-lhe mandada postar uma guarda. O sr. Bocage, director do museu de historia natural, e que é incançavel em promover os melhoramentos d'aquelle estabelecimento, tenciona aproveitar o esqueleto deste cetaceo a fim de dotar com elle o museu.

**Os Miseraveis.** — As folhas inglezas publicam uma carta dirigida a Victor Hugo por J. Claie, seu antigo condiscipulo, na qual se descreve o alvorogo que produziu em Paris a venda dos quatro novos volumes dos *Miseraveis*.

No dia 15 de maio, pela manhã, a rua de Sena encheu-se de livreiros, negociantes e vendilhões de livros que disputavam a primasia do logar á porta do edictor Pagnerre, chegando a haver desordens entre elles e sendo necessario intervir a policia.

Abertos os armazens do edictor e em quanto se attendiam os pedidos da multidão, a rua encheu-se de dog carts, carruagens, caleches, cabriolets, tilburis, e vehiculos de toda a sorte, esperando com impaciencia as pessoas que elles transportavam a hora de lhe chegar a sua vez.

Ha muito que se não descreve nos annaes da livraria uma scena tão curiosa. Só n'esse dia se vendeu mais de um terço dos 48:000 volumes expostos á venda.

**Ha muitos assim!** — Diz o *Districto de Leiria*, que um sujeito já taludo, fez exame d'instrução primaria n'um lyceu d'este reino, com o fim de se habilitar para um emprego publico, respondeu da seguinte maneira ás perguntas dos examinadores:

- P.—Qual é chefe invisível da igreja?
- R.—E' o bispo?
- P.—Que é verbo?
- R.—E' grandeza.
- P.—Em que parte do mundo está situado Portugal?
- R.—No Oceania.
- P.—Qual é o cabo mnis notavel de Portugal?
- R.—E' o Brazil.
- P.—Qual foi o facto mais notavel no reinado de D. Afonso Henriques?

R.—Foi a independência do Brazil.

P.—Qual foi a terceira dynastie portugueza.

R.—Foi a *Affonsanina*.

Além destas respostas houve muitas, dignas de menção, como—Braga é uma provincia—a capital do Alemtejo é o Algarve—Portugal confina pelo Oeste com a Hespanha, e pelo Sul com a Figueira—Portugal está em Portugal, etc., etc.

**S. Pedro**—Ficou transferida a festa que se projecta na rua dos Mercadores, para a noite de sabbado 5 do corrente. Haverá illuminação, musica marcial, e fogo d'artificio.

Se não falharem os planos aos festeiros, será esta a unica noite em que haverá os costumados divertimentos depois da *chochice* das do Santo Antonio e S. João.

**Espectaculo**—Devemos ter na noite de domingo uma nova recita no theatro *Thalia*.

Subirão á scena as comedias de *Mordomo d'Harville*, o *Diabo a quatro n'uma hospedaria*, e *De noite todos os gatos são pardos*.

Tomam parte na recita diversos membros daquelle sociedade, e outros individuos que resolveram coadjuval-os.

Espera-se que a concorrência corresponda nos esforços que se tem feito para tornar a recita agradável, e desejamos que assim aconteça, visto que ella é dada em beneficio da sociedade, enjos sacrificios para pôrem a trabalhar aquelle theatro, tem sido grandes e merecem consideração.

**Naufração**.—Na sexta-feira 27, ao sahir a barra desta cidade, foi submergida a rasca *Patusca*, em consequencia de ter batido no banco. Suppõem-se que por acaso bateu em cima d'algum ferro dos muitos que por alli ha perdidos, ou d'um pedaço do casco d'um navio, ha tempos naufragado ao sul da barra, e que para aquelle sitio viera arrastado pela corrente.

A rasca ia para o Porto com carga de sal, e pertencia aos srs. V. Barboza & Filhos desta praça.

**Arco do Cojo**.—Pedimos que se repare pelos arcos do Cojo que estão o mais despresados que é possível. O cano da fonte está a verter agua por diversas partes, e consta-nos que lá mais acima, junto ás obras do caminho de ferro, está roto, dando lugar ás maiores immundices.

Ha pouco appareceu na fonte da praça uma cataplasma, que alguém deixou cahir no cano, talvez depois de ter lavado na agua da fonte alguma ferida!

Forte desmazelo!

**Fonte do Senhor das Barrocas**—Está em um estado deploravel. Foram compol-a, e deixaram-na peor do que estava, tirando-lhe o capeamento da pedra que tinha, para o substituirem por uma paredinha de cacos, que está já a desmoronar-se. De quem seria tão triste lembrança? Pelo amor de Deus!

**Visita real**.—Sabemos, diz o *Nacional* de 30 de junho, que o sr. barão de S. Lourenço recebeu hontem uma carta de Lisboa, annunciando-lhe que S. M. El-Rei o sr. D. Luiz I projecta visitar esta cidade no proximo mez de julho.

**Transferencias**.—Diz o *Braz Tisana*, que vai ser transferido para as ilhas, o juiz de direito de Santo Tyrso, e que vai para Celorico de Basto o juiz de direito de Sinfães.

**Graças**.—Por decreto de 14 de maio foi nomeado gentil homem da real camara o Marquez de Souza Holstein, D. Francisco de Sousa Holstein.

Por decreto de 21 do mesmo mez, foi elevado o visconde de Torres Novas, Antonio Cezar de Vasconcellos Corrêa, á grandeza destes reinos, com o titulo de conde de Torres Novas em sua vida.

Por decreto da mesma data foi agraciado com o titulo de conselheiro de S. M. o governador civil do Funchal, Januario Corrêa d'Almeida.

Por decreto de 27 de maio foi tambem agraciado com o titulo de conselheiro de S. M. o presidente da camara de Castello Branco, Joaquim de Albuquerque Caldeira, antigo deputado da nação portugueza.

**Reunião**.—(Do *Jornal do Porto*).—Um amigo nosso, que por algumas vezes nos tem remetido exactas informações sobre alguma cousa que chega ao seu conhecimento, obsequiou-nos hoje com a remessa da seguinte nota: «A's 10 horas da noite foi chamada uma patrulha da guarda municipal, pelo regedor da Sé, para, como testemunhas verem que á porta fechada na capella de Nossa Senhora d'Agosto, um rapaz prégava um sermão, tendo bastantes ouvintes, bem como no fim do sermão houve musica, tendo-se deitado anteriormente foguetes das aguas-furtadas da capella.»

Passando a buscar mais minuciosa noticia do que se nos communicou podemos saber que o caso se passara assim:

Havia n'uma casa particular, ahi para os lados da Sé, um concerto muzical, para que tinham sido convidadas muitas pessoas das relações do dono da casa. Um dos convidados era um pequeno, menor, que nos dizem ser alumno do collegio da Trindade, e que tem o inato dom de prégar sermões em eloquente estylo, em boas e más doutrinas, e mais que tudo em *attrahente e persuasiva* linguagem, do que já por vezes tem dado exuberantes provas.

Julgou-se entre os convidados dever aproveitar-se o ensejo para escutar o portentoso orador sagrado. A casa porém não offerecia a precisa capacidade para comportar o numero dos ouvintes que estavam presentes, e decidiu-se por voto unanime que se prégasse o sermão na capella de N. Senhora d'Agosto, levantando-se para isso um pulpito volante e cerrando-se previamente as portas da capella, o que se executou.

Com effeito subiu o orador ao pulpito e este desempenhou a sua missão com a approvação geral dos circumstantes.

Tocou-se depois uma peça de muzica e terminou assim a reunião *pseudo-sacra*, de que nos dera conhecimento o nosso amigo.

Foi uma rapaziada, que será bom se não repita.

**Heroína portugueza**.—Do *Diario do Povo* transcrevemos esta noticia, que é um verdadeiro padrão de gloria das nossas damas portuguezas, alcançado nas guerras das nossas conquistas e independência:

«Durando em Portugal a dominação de Hespanha, uma senhora portugueza descendente de familia distincta, vendo-se muito combatida por desgostos caseiros, envervou a cota de cavalleiro, cingiu uma armadura, e tomando uma espada, partiu-se para as terras de Africa simuladamente, dando-se o nome de Antonio Rodrigues.

Como era amestrada em ginetteria alistou-se na cavallaria da fortaleza de Mazagão, e ahi obrou prodigios de bravura, sendo sem re das primeiras nas sortidas arriscadas, e matando mouros como quem mata mosquitos.

Isto alcançou-lhe as boas graças do governador da praça, que a reputava um dos seus mais aguerridos soldados.

As damas, que viam n'ella um cavalleiro bem posto e cheio de prendas e manhas, finavam-se de amores por ella, chegando algumas a requestarem-n'a, e a pedirem-n'a para esposa.

Ao fim de cinco annos, porém, fatigada de representar um papel, que mais tarde ou mais cedo a havia de trahir, revelou o seu segredo ao governador, que lhe dispensou todos os dos da sua protecção, offerecendo-lhe auxilios se ella determinasse de volver ao reino.

A valorosa dama aceitou tão boas regras e partiu-se para Portugal, onde passou o resto de seus dias honrada e restada pela sua bravura e boas prendas.

Havia por cá corações femininos desta tempera, e talvez ainda hoje apparecessem alguns se se offerecesse ensejo.»

**A situação do Mexico**.—São curiosas as noticias que acerca da situação d'esta republica encontramos nas correspondencias de Veracruz, que o *Jornal dos Debates* publica.

«Nada se conhece menos entre nós, diz uma d'ellas, do que a verdadeira situação do Mexico; até se ignora a cifra da sua população, que é de seis milhões e não de oito, como geralmente se diz. Estes habitantes dividem-se em 5,400,000 indios puros ou mestiços, muito morenos, e 600,000 individuos de raça branca mais ou menos pura. Os indios, isto é, a maioria da população, tem em politica uma ignorancia e indifferença quasi completa, até o ponto de que não é raro encontrar-se em certas regiões quem se julgue subdito de Hespanha. Apenas alguns milhares de individuos arrancados ás suas fadigas pelas guerras civis, ou que sahiram da sua esphera por algum acontecimento, tomam uma parte activa nas luctas que ha tanto tempo assolam o paiz, em proveito de quinhentos ou seiscentos caciques, dos quaes metade se dizem liberaes e a outra metade reaccionarios. O resto, que é verdadeiro povo, só aspira a trabalhar e viver em paz, e constitue a base sobre que deverá apoiar-se o governo definitivo e estavel, que se espera seja o resultado da crise actual.»

## CORREIO

LISBOA 29 DE JUNHO

(Do nosso correspondente.)

Amigos.

As noticias politicas são distituidas do menor interesse. A opposição estonteadá por ver affastar cada vez mais de si o poder que ambiciona, desacreditada na opinião publica, e os seus chefes sem prestigio nas suas proprias phalanges continua todos os dias a vociferar blasfemias contra o governo e contra os mais probos caracteres do partido liberal. Injuriam, mentem, calunniam, inventam e assim vivem muito satisfeitos de si, na doce persuasão de que a actividade, a intelligencia e a moralidade são o privilegio exclusivo dos velhos partidos, da aristocracia e das facções clericas e reaccionarias de todas as nações.

Mas estas illusões não cegam ninguém, porque á medida que os orgãos da imprensa absolutista e reaccionariu cantou hymnos de louvor e elogio á moralidade dos seus adeptos, vão elles deixando ver a cauda da raposa sem a menor cerimonia.

Pelo artigo do *Portuguez* de hontem com a epigrapha *a camara dos pares*, artigo que a *Politica Liberal* de hoje reproduz nas suas columnas, terão já visto os meus amigos, que o sr. conde da Lonzã, um dos notaveis membros da opposição se diverte em falsificar as votações em que era escrutinador. Foi o sr. marquez de Niza quem descobriu a *gracinha* do fidalgo, e justamente offendido pediu formal reparação d'aquelle iniquo procedimento, e, segundo diz o *Portuguez*, esta reparação foi dada perante toda a camara em sessão secreta.

—Não vos mando a copia do projecto de lei sobre o pescado ultimamente apresentado pelo sr. José Estevão na camara dos deputados, porque é um pouco extenso e porque o podereis ver no *Diario de Lisboa*.

—Fez-se hontem a cerimonia da collocação da pedra fundamental da estatua de Luiz de Camões. A concurrencia de povo foi numerosa e o programma cumpriu-se em todas as suas partes.

Os pavilhões destinados a el rei, ao corpo

diplomatico e ás corporações scientificas eram mesquinhos e de pessimo gosto. A vellice e o desbotado dos tapetes que forravam o chão e os degraus dos pavilhões só poderá ser desculpada no caso de haver alli alguma recordação historica. Pelo estado em que estavam podiam ter sido alcatifas do palacio do sr. D. Sebastião, e por consequencia coevos do grande poeta.

A soldadesca insubordinada fez das suas, como é infelizmente costume aqui em Lisboa todas as vezes, que se junta o povo com a tropa. A primeira companhia do batalhão de caçadores 5, o capitão da mesma e o ajudante do corpo entenderam, que deviam aproveitar a occasião para espantarem o povo inerte; e a pertexo de encontrarem um pobre moço de fretes no meio das alas, começaram a distribuir crunhada e pranchada a torto e a direito, maltratando mulheres, velhos e crianças.

Realmente deve estar muito satisfeito o corpo de caçadores 5 com o *bravo* e *galhardo* procedimento dos seus camaradas! São heroes que fazem honra aos soldados do mesmo corpo que o imperador commandou contra o exercito de D. Miguel. Estes agora uniram os seus *bravos* e as suas *façanhas* para se baterem com as mulheres e com os crianças!!!

O caso não passou de um pequeno tumulto, graças á indole pacifica e prudentissima deste bom povo; mas se o acontecimento tivesse logar com outro povo mais fernetico e menos soffredor, teriamos que lamentar grandes desgraças. Todavia será bom que o sr. ministro da guerra não deixe impune o procedimento d'aquella plebe armada, para que não aconteça a repetição da scena em occasião que o povo esteja menos disposto a ser espancado injusta e brutalmente.

Segundo diz o *Jornal do Commercio* de hoje deu-se um conflito entre o director da alfandega grande desta cidade, e o director da alfandega municipal por causa de um porco. Parece que o procedimento deste ultimo funcionario é bastante reprehensivel.

Alguns jornaes d'aqui davam nos seus numeros de sexta-feira, a noticia do casamento d'El-Rei com a princeza Maria Pia como coisa diffinitivamente tratada.

Creio que houve alguma precepitação da parte dos jornaes a que alludo, porque ainda que haja toda a probabilidade de que a futura rainha de Portugal seja a filha de Victor Manuel, todavia não me parece, que se possa ainda affirmar isto com perfeita certeza.

Ouvi já dizer, que só amanhã na sessão do encerramento das côrtes, El-Rei daria parte ao paiz da escolha que fizera. Se assim acontecer avisar-vos-hei pelo telegrapho.

Adeus

Vosso  
F. O.

## MOVIMENTO DA BARRA Aveiro 26 de junho Sabidas

ALICANTE.—Escuna port. «Feliz Conceição», m. L. A. Martins, 6 pes. de trip., madeira.

LONDRES.—Galioa dinamarqueza «Luna», cap. J. Kichen 6 pes. de trip., vinho.

ALICANTE.—Patacho port. «Libertador», m. J. J. Puga, 9 pes. de trip., madeira.

LISBOA.—Hiate port. «Constante», m. M. E. Joares, 8 pes. de trip., madeira.

IDEM.—Hiate port. «Lanceiro», m. A. T. Pães, 6 pes. de trip., madeira.

PORTO.—Hiate port. «Dorval», m. M. C. da Conceição, 8 pes. de trip., sal.

IDEM.—Rasca port. «Moreira», m. L. Henriques, 10 pes. de trip., sal.

Em 27

PORTO.—Rasca port. «S.ª Maria», m. J. dos S. Caiado, 9 pes. de trip., sal.

IDEM.—Rasca port. «Senhora do Pilar», m. S. da S. Marques, 10 pes. de trip., sal.

IDEM.—Rasca port. «Janota», m. J. A. Paixão, 9 pes. de trip., sal.

IDEM.—Hiate port. «Fenix», m. J. Nunes, 8 pes. de trip., sal.

ALICANTE.—Escuna port. «Carolina», m. A. de Jesus, 9 pes. de trip., trip., madeira.

GRAVEZENDE.—Escuna ingleza «Wave», cap. J. Gaudion, 6 pes. de trip., sal.

HOLLANDA.—Escuna ingleza «Elizabeth Hil», cap. W. Hile, 5 pes. de trip., sal.

Entradas em 28

PORTO.—Hiate port. «Luz do Dia», m. F. Maria, 8 pes. de trip., carris de ferro a empresa Salamanka.

IDEM.—Palhabote port. «Providencia», m. A. Pereira, 7 pes de trip. carris de ferro a empresa Salamanka.

MATOZINHOS.—Bateira port. «Olho Vivo», m. D. d'Angelica, 6 pes. de trip., lastro.

Em 29

VILLA DO CONDE.—Hiate port. «S. João Baptista», m. A. Mará, 6 pes. de trip. lastro.

PORTO.—Hiate port. «S. Joaquim I.º» m. A. F. de Sousa 8 pes. de trip., carvão.

N. B. — O Hiate portuguez «Venturoso» que sahiu deste porto no dia 25 foi com carga de mineral e não de madeira como se disse no nosso n.º passado.

## ANNUNCIOS

Arrenda-se por um ou mais annos a quinta do Pardinho, pertencente aos offãos de Antonio Maria Rangel de Quadros.

Consta de casas, e terras de diversas sementeiras. Contrata-se o arrendamento com D. Maria Guilhermina Rangel de Quadros, rua Direita ou com Bento de Magalhães, morador na rua d'Alfandega.

(1)

Arrenda-se, por um ou mais annos, a quinta junto á Senhora d'Ajuda, pertencente a Bento de Magalhães. Consta de casas para viver, curraes, e abegoaria, laranjal, e pomar d'outras muitas arvores de fructo, hortas, terras altas, de meia sementeira, ribeiros, sendo regadia toda a terra da mesma quinta. Arrenda-se toda, ou em porções; e convindo ao arrendatario transpassa-se-lhe todo o gado, e todos os instrumentos de lavoura que existem na referida quinta, e bem assim se lhe dará os molicoes necessarios para adubal-a em marinhas quasi contiguas a ella. Trata-se o arrendamento com seu dono, morador na rua d'Alfandega.

(2)

## COMP. UNIÃO DE SEGUROS CONTRA INCENDIO, DE VIDAS, E MARITIMOS

CAPITAL 1.500:000\$000 rs.

Pela sub direcção geral, desta vasta companhia, estabelecida no Porto, se faz publico que, em AVEIRO, e seu districto, esta devidamente auctorizado o sr. AGOSTINHO DUARTE PINHEIRO E SILVA para effectuar toda a qualidade de seguros, com condições muito favoraveis; tanto maritimos como contra fogo; egualmente para a Comp.ª mutua de seguros sobre a vida.

O PORVIR DAS FAMILIAS a mais bem garantida de toda a Hespanha que já conta 74:000 socios, apesar de so existir ha 9 annos. Conhecê-se a vantagem deste verdadeiro MONTE PIO, que um pai, mãe, tutor padrinho, ou outro qualquer individuo que pague 5:000 rs. por anno, por um menino de menos d'um anno, no fim de 25 annos, pode receber em capital rs. 2:400\$000. Os resultados variam conforme a idade, a duração do seguro, e a quantia imposta, que é á vontade do subscriber; e pode ser paga d'uma vez só, ou em prestações.

E. Moser.  
Representante da  
Companhia em Portugal.

(3)

CARTA D'EDITOS pelo tempo de 90 dias a intimar todas e quaesquer pessoas que se julgarem com direito a ser herdeiros do fallecido Silvino Arnaldo Baptista Machado, natural e morador que foi nesta cidade de Aveiro.

Manuel José Marques da Silva Tavares, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, administrador do concelho de Aveiro, por S. M. F., que Deus Guarde

Para saber que por accordão do Tribunal de Contas proferido no processo da conta de responsabilidade do fallecido Silvino Arnaldo Baptista Machado, como escrivão pagador das obras publicas neste districto de Aveiro, foi o mesmo julgado quite para com a fazenda publica pela sua gerencia desde o 1.º de julho de 1859 até 30 de junho de 1860; e devendo o mesmo accordão ser intimado a seus herdeiros a fim de poderem allegar o que lhes convier a bem da sua justiça nos termos do artigo 140 e 152 do regimento do mesmo tribunal de 6 de setembro de 1860, não são ainda conhecidos os herdeiros do mesmo fallecido—Silvino Arnaldo Baptista Machado, por que nenhum, como tal, se habilitou em juizo.

Portanto pela presente carta d'editos intimo, chamo, requireiro, e hei por intimadas, chamadas e requeridas todas e quaesquer pessoas que se julgarem com direito a ser herdeiras do dito fallecido para no prazo de 90 dias, a contar da data desta carta d'editos, comparecerem no mesmo tribunal de contas a allegar o que lhes convier sobre o contheudo do mesmo accordão, com pena de revelia, e se haver definitivamente por saldada a mesma gerencia.

E para constar mandei passar a presente e outras d'equal theor e fórma, que serão affixadas nos sitios marcados por lei; e da sua affixação se passará certidão na fórma do estylo.

Administração do concelho de Aveiro aos 25 de junho de 1862. — Eu eu José Ferreira Corrêa de Sousa, escrivão que a subscrevi.

O administrador do concelho  
M. José Marques da Silva Tavares.

RESPONSÁVEL.—M. C. da Silveira Pimentel

Typ. do Districto de Aveiro.

Annuncios } 1101 - d'8 lentes a 20 - 150  
1102 - 216 d'12 a 11 - 220  
1103 - 31, 27, 24 - 150